



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6854 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE DOCENTE: UM ESTUDO COM PROFESSORES-ALUNOS DO PROFEBPAR/UFMA

Suely Sousa Lima da Silva - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Dourivan Camara Silva de Jesus - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE DOCENTE: UM ESTUDO COM PROFESSORES-ALUNOS DO PROFEBPAR/UFMA

Resumo

O trabalho ora apresentado é um recorte da pesquisa de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação. Nessa particularidade, apenas uma das questões norteadoras e um dos objetivos específicos, foram priorizados. Trata-se de um estudo qualitativo junto a uma turma do Curso de Pedagogia do PROFEBPAR de um município maranhense. A análise de conteúdo dos dados obtidos a partir da aplicação da técnica ‘Quem sou eu?’ e da primeira pergunta da entrevista semiestruturada, aponta para uma afirmação mais afetiva e emocional sobre o ser professor, vinculada a representação do professor predestinado, o vocacionado. Essa ideia se distancia da representação do professor como profissional, defendida pelo movimento de profissionalização docente.

Palavras chave: Representações sociais; Identidade docente; Professor profissional

Introdução

É próprio da formação do professor a reflexão sistemática sobre a profissão docente. No Mestrado em Educação encontrei respostas para alguns dos meus questionamentos e formulei muitas outras perguntas. A influência das Representações Sociais

na construção da identidade docente foi percebida a partir de minha própria construção de identidade. A participação no grupo de estudo sobre a Teoria das Representações Sociais - TRS, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE e ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação – CIERS-ed do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, atizou meu interesse em discutir as representações sociais dos processos identitários de professores, em especial do Programa de Formação de Professores para a Educação Básica do Plano de Ações Articuladas – PROFEBPAR, do qual participei como bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico do meu Estado, no Projeto de Trabalho intitulado “A formação docente nas novas configurações da sociedade contemporânea”, cujo objetivo foi sistematizar dados sobre a formação docente realizada no PROFEBPAR, a partir da organização de um banco de dados, da elaboração de boletins e registro de experiências educativas.

A problemática deste trabalho foi constituída das seguintes questões: Como se constrói a identidade docente do professor e que elementos fazem parte dessa construção? Que experiências vivenciadas pelos professores no curso de formação contribuem para a construção de sua identidade docente? Que sentidos o professor atribui ao ser docente?

Em consideração às questões norteadoras temos como objetivo geral: analisar as contribuições do curso de Pedagogia do PROFEBPAR na construção da identidade de professores-alunos à luz da TRS. E como objetivos específicos: apreender marcas identitárias de docência partilhadas pelo grupo de professores-alunos no curso de formação em análise; identificar as contribuições das experiências vivenciadas no decorrer do curso em estudo para a construção da identidade docente; e relacionar aspectos da formação identitária de professores-alunos que os distinguem e os aproximam profissionalmente.

Aporte teórico

Na Psicologia Social, o conceito de identidade apresenta-se, segundo Fleury e Fischer (1996), como uma síntese que mostra a articulação entre o individual (intrapésíquico) e o social (interpésíquico) em um sujeito. Na visão desse autor, esta noção de identidade expressa a complexa interação entre o indivíduo, os outros e a sociedade, sendo assim, a consciência social que este tem de si se forma em sua relação com os outros conferindo à sua própria existência qualidades peculiares. Em suas palavras:

A identidade é, portanto, o produto dos processos interativos implantados entre o indivíduo e o âmbito social e não apenas um elemento das características individuais. A identidade é uma dimensão da relação social que se atualiza em uma auto-representação. (FISCHER, 1996, p.176).

Na explicação de Benites (2007), a profissão docente, bem como as demais profissões, foi originada em um determinado contexto em resposta às demandas sociais daquele momento, e assim constituiu-se um corpo organizado de saberes, normas e valores. Já a construção da identidade profissional esta se faz a partir da significação social da profissão, suas tradições e contradições, mas também da responsabilidade do professor com sua função social, sua autonomia e compromisso com a docência. Esses fatores que concorrem para a formação da identidade docente não estão dados naturalmente. Além da influência social, as experiências diversas e a formação escolar, inicial e continuada, estão na sua base de sustentação, são configurados e reconfigurados em um processo permanente, contínuo, vinculado diretamente à cultura e às demandas do contexto em que se insere o professor.

Nesta pesquisa, também recorreremos a alguns princípios da Teoria das Representações Sociais – TRS como suporte teórico necessário ao desenvolvimento desta investigação e à compreensão do objeto de estudo. Essa Teoria vem se constituindo historicamente como campo científico preocupado em investigar o saber do senso comum, esse conhecimento que é socialmente elaborado e partilhado pelos sujeitos dentro de um contexto sociocultural específico. De acordo com Moscovici (1961), as representações são construções sociais, que estudam os processos por meio dos quais as pessoas, em interação social, constroem explicações sobre os objetos sociais que exercem forte impacto em suas vidas. O autor considera ainda, que as representações sociais conseguem “incutir um sentido ao comportamento”, integrando-o a uma rede de relações, que se traduz por opiniões, imagens, retratando, enfim, a “posição e a escala de valores de um indivíduo ou de uma coletividade” (1978, pag. 49).

Em diálogo com a perspectiva moscovicianiana, a representação social é aqui entendida a partir do conceito síntese proposto por Jodelet (1989, p. 36), qual seja: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para construção de uma realidade comum a um conjunto social”. A representação é sempre de alguém sobre alguma coisa. Segundo Arruda (2003, p.22), “o ‘alguém que constrói’ baseia sua construção num território vivencial e simbólico que lhe dá o chão para a sua leitura de mundo”. Nessa perspectiva, o sujeito, então, não é determinado pela compreensão de ruptura entre indivíduo e sociedade, mas percebido como um sujeito implicado na sociedade, carregado de subjetividade e de forças criativas.

Ao ser utilizada como instrumento de compreensão da realidade, a TRS tem contribuído de forma inegável no manejo dos problemas que se apresentam nos contextos concretos de diferentes campos como educação, saúde, política, justiça social, movimentos sociais, ambiente, memória e história, criando novos espaços de reflexão. No que concerne à educação, esse campo caracterizado pela complexidade dos fenômenos a que ele se refere, aparece ligado a uma multiplicidade de problemas de ordem organizacional, institucional, política, cultural, pertinentes a certos níveis dessa ampla realidade. No entanto, a perspectiva das representações sociais que tem a disposição de identificar a dimensão simbólica dos fenômenos sociais, torna possível o estudo psicossocial da educação permitindo o entendimento de muitos aspectos do sistema educativo. No nosso entender, os estudos sobre identidade precisam levar em conta respectivamente todos os níveis de representação capazes de interferir neste fenômeno, tanto de um ponto de vista intra quanto interindividual, se referido às suas pertencas a um grupo; ou de um ponto de vista ideológico considerando as crenças que atravessam os grupos e a sociedade.

Metodologia

A pesquisa de cunho qualitativo quanto a sua natureza, foi realizada em uma turma do Curso de Pedagogia do PROFEBPAR, de um município maranhense, da qual participaram 20 professores-alunos. Segundo Minayo (2004), a pesquisa qualitativa lida com inúmeros motivos, significados, valores, aspirações, atitude e crenças presentes nas relações entre indivíduos, gerando fenômenos que não podem ser quantificados. Na afirmação da autora (2004, p.22) esse tipo de investigação “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Para a análise dos dados coletados elegemos a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin, um recurso técnico para análise de dados advindos de mensagens escritas ou transcritas, busca-se nessa análise classificar o material em temas ou categorias

que auxiliem na compreensão do que está por trás dos discursos. Na explicação do autor,

[...] a análise de conteúdo compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da enunciação, bem como as inferências sobre os dados coletados. A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas (BARDIN, 1997, p. 45).

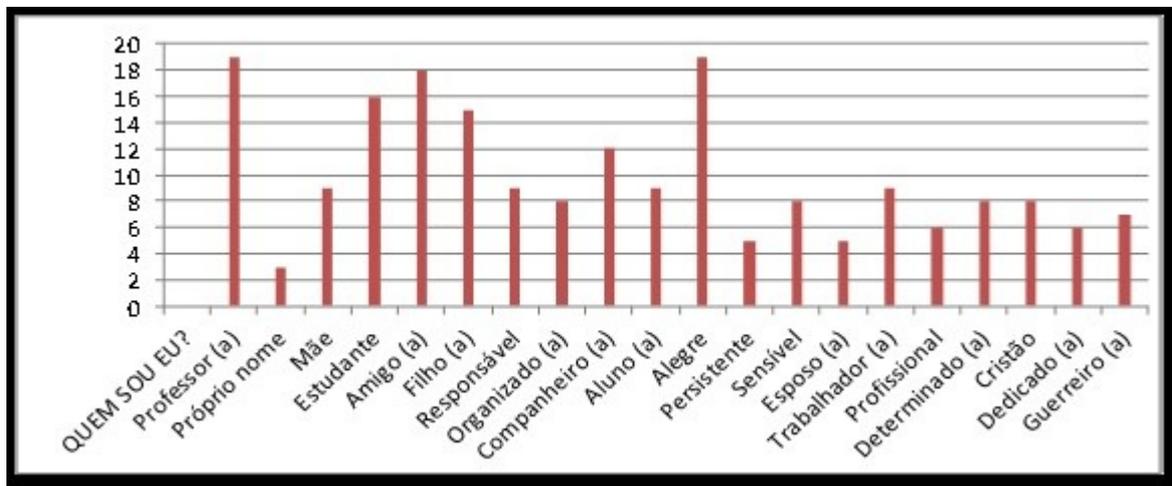
Nesse trabalho adotamos os passos da análise de conteúdo realizados no estudo de Bonfim (2008, p. 243, 244), destacados a seguir: a) efetuar a leitura flutuante do material escolhido; b) fazer a redução das entrevistas; c) processar a decodificação do material; d) selecionar os núcleos de sentido; e) analisar e revisar esses núcleos; f) escolher as categorias de resposta; e g) realizar a revisão das categorias.

No intuito de dar voz aos professores-alunos, a coleta de dados foi realizada por meio de três formas diferentes: um questionário de perfil, da técnica “Quem sou eu” e das entrevistas semiestruturadas. Sobre a técnica “Quem sou eu?” Deschamps e Moliner (2009), esclarecem que ela possibilita a manifestação de respostas tanto objetivas como subjetivas sobre a identidade do indivíduo. Sua aplicação consiste em solicitar ao participante que responda 20 vezes consecutivas à pergunta “Quem sou eu?”, e dê 20 respostas diferentes e nessas respostas encontram-se as pistas, no nosso caso, de como o professor-aluno do curso de Pedagogia do PROFEBPAR se auto identifica, ou seja, como se percebe. No tocante à entrevista semiestruturada, destaca-se sua característica de partir de um roteiro de perguntas, que serve de guia para alcançar os objetivos. Na visão de Coutinho (2011), esse tipo de entrevista prioriza não apenas a simples resposta às questões, mas também o aprofundamento dos temas com o acréscimo, quando necessário, de novos questionamentos, para complementar ou aprofundar os temas percorridos, ou no caso inverso, suprimir alguma questão cujo material já tenha vindo à tona no discurso dos sujeitos.

Sistematização e análise dos resultados

O trabalho ora apresentado é um recorte de pesquisa de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação. Em consideração aos limites dessa produção elegemos a questão norteadora - que sentidos o professor atribui ao ser docente? - e o objetivo específico - identificar as contribuições das experiências vivenciadas no decorrer do curso em estudo para a construção da identidade docente – para discorrermos sobre a análise dos resultados obtidos a partir da aplicação da técnica ‘Quem sou eu’? e também da primeira pergunta da entrevista semiestruturada, relativa ao sentido de ser professor, junto aos vinte professores-alunos do Curso de Pedagogia do PROFEBPAR de um município maranhense.

Gráfico I – Respostas à técnica QUEM SOU EU



FONTE: DESCHAMPS, J-C; MOLINER, P. (2008). (Adaptado pelas autoras)

Ao sistematizar os resultados da técnica “Quem sou eu?”, verificamos que as respostas predominantes indicam que a maioria dos participantes da pesquisa se considera professor, alegre e amigo. Mediante tal constatação inferimos que o curso de Pedagogia/PROFEBPAR tem contribuído para a incorporação dos elementos: professor, alegria e amizade, na construção da identidade docente dos professores-alunos do curso em análise. Por outro lado, a baixa referência ao termo profissional se contrapondo ao elevado índice atribuído a amigo e alegre, pode sinalizar uma tendência a persistência da concepção de professor predestinado, vocacionado, daquele que recebeu o dom, um herói, idealizações distantes do perfil que vem sendo aprofundado no movimento de profissionalização docente, cuja base assenta-se na formação consistente e contínua, voltada ao desenvolvimento da capacidade de entender a realidade; de mobilizar os saberes necessários ao planejamento e realização de intervenções que favoreçam o desenvolvimento dos alunos e de si.

Na Unidade Temática, referente ao significado de ser professor, a incidência das respostas indicou as expressões “compromisso social” / “compromisso com a aprendizagem” como a primeira opção dos participantes. Neste caso, a formação ficou ausente nas respostas explicitadas, o que nos faz pensar na possibilidade de os professores-alunos terem afirmado o compromisso social e o compromisso com a aprendizagem como expressão de educação de qualidade e de bom professor, configurando uma representação do compromisso como essência da profissão docente. Não obstante, concordamos com Marcelo (2009), ao defender a profissão docente como uma profissão do conhecimento, logo o que valida o trabalho do professor é seu compromisso em apropriar-se do conhecimento para transformá-lo em aprendizagem relevante para os alunos. Essa apropriação do conhecimento em primeira instância pressupõe o reconhecimento da necessidade de formação contínua como condição, tanto para a atualização como para a aquisição de novos conhecimentos, processo que amplia a visão de mundo e inspira novas intervenções e novas práticas.

Os resultados aqui apresentados dão pistas das representações que os professores-alunos têm deles mesmos e da posição que ocupam em relação a outros, tal como defende Dubar (2005). Essas representações desempenham um papel fundamental na construção da identidade, uma vez que é a partir delas que os indivíduos apreendem suas diferenças e semelhanças em relação ao outro (CIAMPA, 1997). Nesse movimento, as representações sociais agem ativamente na formação do processo identitário dos sujeitos, são elas que permitem também a distinção entre os traços assemelhados e distintos entre profissionais da mesma profissão e entre profissionais de áreas diferentes.

Considerações finais

As percepções evidenciadas nas respostas dos participantes tendem a uma afirmação mais afetiva e emocional sobre o ser professor. Compreendendo que as representações dos sujeitos organizam as comunicações e as condutas sociais, consideramos que essas representações positivas podem servir para contrabalançar as representações negativas que cercam o sentido da profissão na atualidade, uma vez que, de acordo com Gilly (2001), as representações garantem aos sujeitos a possibilidade de preservarem seu próprio equilíbrio, bem como sua necessidade de coerência no exercício de suas práticas sociais e nas relações com os que os cercam.

No entanto, entendemos que os resultados analisados merecem atenção dos formadores de professores, no sentido de prover reflexões críticas voltadas à construção de representações do ser docente mais próxima de sujeitos críticos e reflexivos, que concebam a identidade profissional vinculada diretamente à formação continuada como indispensável à preparação de professores intelectuais, engajados e capacitados para a construção da cidadania. Como afirmada por Nóvoa (1991, p. 3), “[...] a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”. Corroborando com esse pensamento Dias-da-Silva (1994, p. 46) destaca a necessidade de a formação docente trabalhar as condições necessárias ao desenvolvimento da autonomia do professor: “[...] há que se considerar que também o professor precisa ser reconhecido como sujeito de seu fazer cotidiano. É preciso que o próprio professor tenha condições para que ele próprio construa seu conhecimento sobre seu próprio trabalho”.

Não estamos defendendo a supressão das percepções mais afetivas do ser docente, mas tão somente o alargamento dessas percepções na direção de representações sociais afinadas com o professor profissional, com afeto sim, mas também com conhecimento crítico e contextualizado do cotidiano da escolar; ampla visão das condições sociais e políticas que incidem na profissão; entendimento do papel social e político da docência; ativo na luta por valorização da profissão.

Referências

ARRUDA, Ângela. Viver é muito perigoso: a pesquisa em representações sociais no meio do rodado. In: **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENITES, Larissa C. Identidade do professor de Educação Física: um estudo sobre saberes docentes e a prática pedagógica. 2007. 199f. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Motricidade). Instituto de Biociências, UNESP/Rio Claro-SP, 2007.

BONFIM, Maria Núbia Barbosa. Na contramão do currículo: invertendo-se os caminhos de análise. **Tese** de Doutorado em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2008.

CIAMPA, A.C. A identidade social e suas relações com a ideologia. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1977.

- COUTINHO, MP, Nóbrega SM. O teste de livre associação de palavras. In: COUTINHO, MP. **Representações sociais**: abordagem multidisciplinar. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em psicologia social**: dos processos identitários às representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DIAS-DA-SILVA, M.H.G.F. Sabedoria docente: Repensando a prática pedagógica." **Cadernos de Pesquisa**, nº 89, São Paulo, 1994, pp. 39-47.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FLEURY, Maria Tereza Leme; FISCHER, Rosa Maria. **Cultura e Poder nas Organizações**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Atlas, 1996.
- GILLY, Michel. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001. p. 321- 341.
- JODELET, D. Representações sociais: um campo em expansão. In: JODELET, D. (Org.) **As Representações Sociais**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Ciências da Educação**, n.8, 2009, p.7-22.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; et al. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2004.
- MOSCOVICI, S. Introdução: o campo da psicologia social. In: MOSCOVICI, Serge. 2ª ed. **Psicologia social**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.
- MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. Porto, Porto Editora, 1991.